

NILDO MASINI

Os empresários já estão roucos de tanto alertar o governo sobre as consequências do aprofundamento da crise que o Brasil vem enfrentando.



Uma crise que está levando a um processo acelerado de sucatamento da indústria e de desagregação social, impedindo alterações de porte inadiáveis, para que o País possa progredir e resgatar a sua enorme dívida social.

Temos a sensação de que, além da crise estrutural, passamos também por uma fase de profunda insensibilidade e de apego inexplicável a políticas e práticas, muitas vezes, inteiramente anacrônicas. Não se pode imaginar como um país como o Brasil, com o tecido social deteriorado, possa agüentar, por muito mais tempo, este quadro recessivo de resultado social danoso e economicamente duvidoso.

Já fomos a oitava maior economia do mundo. Hoje tentamos nos segurar em décimo lugar. Chegamos a desfrutar de um papel de liderança inequívoca na América Latina. Na década de 80, a renda per capita do brasileiro não cresceu. Pior do que isso, o Brasil apresentou apenas o quinto melhor resultado econômico do Continente.

Em relação ao PIB brasileiro, a formação bruta de capital na década de 80 foi apenas ligeiramente inferior à da década de 70. Entretanto, a taxa de crescimento do produto real, que na década de 70 oscilava em torno de 7,6% ao ano,

Exorcizemos a recessão

caiu em 80 para 1,6% ao ano.

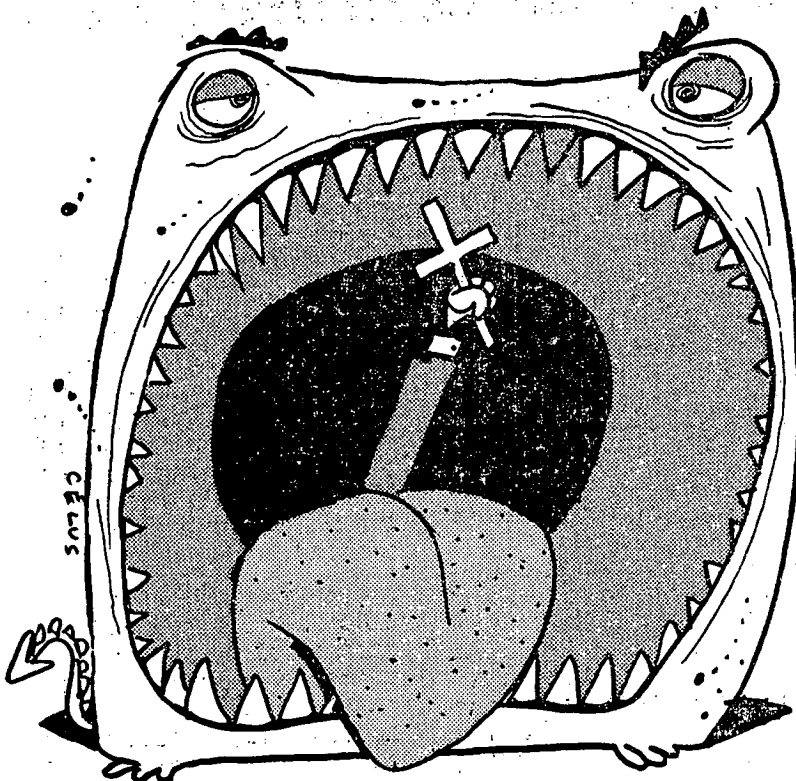
Sabemos que o País tem inúmeras qualidades, como abundantes recursos naturais, infra-estrutura industrial, agricultura desenvolvida, mão-de-obra dedicada e população formada, em sua maioria, por jovens de menos de 22 anos. São fatores que, sem dúvida, contribuem decisivamente para termos confiança no futuro.

Entretanto, nós, empresários, não devemos ficar só com a confiança no futuro, nestes tempos de crise causada pelo governo. Não podemos silenciar diante da constatação de que o País possui hoje 50 milhões de brasileiros condenados a uma vida de pobreza, ig-

norância, violência, doença, e a indústria se atrasa tecnologicamente perdendo competitividade internacional.

Precisamos de um Executivo competente, de um Judiciário independente e, principalmente, de um Legislativo atuante, não fisiológico, e que defenda os legítimos interesses da sociedade.

A recessão é danosa à sociedade e, em especial, à brasileira, por suas características e fragilidades. A nossa sociedade está estruturada de tal forma que o crescimento econômico deixou de ser um objetivo e passou a ser uma necessidade. Entretanto, a certeza que temos hoje, quando o governo acena com a possibili-



dade de retomada do crescimento só a partir de 1993, é a de que está tudo invertido.

Precisamos criar empregos, mas as empresas são obrigadas a demitir. Precisamos estimular o consumo, mas o poder de compra dos cidadãos nunca esteve tão baixo. Precisamos aumentar o nível de investimentos, mas o que vemos é o desinteresse e a fuga de capitais.

Este momento de crise nos induz à reflexão, estimula a criatividade e nos obriga a procurar saídas racionais para os problemas. É nesses momentos que os empresários devem mostrar suas qualidades, sua capacidade de resistir às pressões e de tomar as decisões corretas diante das dificuldades.

Não há como se aceitar de forma passiva o prolongamento da profunda recessão que o País vive. É nossa obrigação estimular o debate em torno dos graves problemas nacionais juntamente com todos os outros segmentos da sociedade.

Precisaremos nos aglutinar em torno de entidades fortes e representativas, capazes de falar efetivamente pelo conjunto de seus representados e de mobilizar todas as forças de seus representados, para pressionar o governo e adotar o caminho do desenvolvimento. Isso porque a crise é muito mais um efeito da instabilidade política do que de fatores econômicos.

Precisamos nos mobilizar para exorcizar a crise.

■ Nildo Masini, industrial, é vice-presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, coordenador do Movimento de Representatividade Industrial, e vem sendo cotado como candidato à presidência da Fiesp.